

## Artigo

# As características das práticas espaciais realizadas pela Associação Indígena Borari de Alter do Chão (PA): As ações sociais e ações culturais

Suzanny Cunha da Mota

131

### Resumo

O artigo analisou as características das práticas espaciais realizadas pela Associação Indígena Borari de Alter do Chão. A pesquisa mostrou que, as práticas espaciais realizadas pela associação têm foco nas ações sociais e ações culturais. Tanto nas ações sociais quanto nas culturais, as práticas espaciais visam o circuito econômico alternativo e a lugarização, através da identidade do povo Borari. A associação cria e implanta projetos voltados para as áreas econômicas, sociais e culturais, buscando parcerias com entidades governamentais e privadas, com a finalidade de esclarecer, capacitar, levar conhecimento, gerar renda extra e continuar a perpetuação da sua cultura. Constatou-se que a associação busca a territorialização por meio de suas ações sociais, lutando pela demarcação de seu território, reconhecimento perante a sociedade e pelos direitos junto ao Estado brasileiro. Através da pesquisa verificou-se que os Boraris notaram o poder do trabalho coletivo, dessa forma, conseguiram alcançar muitos objetivos. A partir do reconhecimento étnico e da fundação da associação indígena Borari de Alter do Chão, os Boraris tiveram ganhos expressivos de autonomia. As práticas espaciais com foco nas ações culturais remetem, principalmente, aos seus antepassados, como exemplo, temos o Festival do Sairé, o Festival Borari, músicas com tema regional, criação de grupos de carimbó, entre outros. Portanto, a associação fortaleceu o Movimento indígena local.

**Palavras-chave:** Alter do Chão; Associação Indígena Borari; Indígenas Borari; Práticas espaciais; Ações sociais e culturais.

## **The characteristics of spatial practices carried out by the Borari Indigenous Association of Alter do Chão (state of Pará, Brazil): Social and cultural actions**

### **Abstract**

The article analyzed the characteristics of the spatial practices carried out by the Borari Indigenous Association of Alter do Chão. The research showed that the spatial practices carried out by the association focus on social actions and cultural actions. Both social and cultural actions and spatial practices aim at the alternative economic network and emplacement, through the identity of the Borari people. The association creates and implements projects focused on the economic, social, and cultural areas, seeking partnerships with government and private entities, to clarify, capacitate, bring knowledge, generate extra income, and continue the perpetuation of their culture. It was found that the association seeks territorialization through its social actions, fighting for the demarcation of its territory, recognition by society, and rights with the Brazilian state. Through the research, it was verified that the Boraris noticed the power of collective work, in this way, they were able to achieve many goals. From the ethnic recognition and the founding of the Borari Indigenous Association of Alter do Chão, the Boraris had significant gains in autonomy. Spatial practices with a focus on cultural actions refer mainly to their ancestors, such as the Sairé Festival, the Borari Festival, regional theme songs, and the creation of carimbó groups, among others. Therefore, the association strengthened the local indigenous movement.

132

**Keywords:** Alter do Chão; Borari Indigenous Association; Borari Indians; Spatial practices.

## **Características de las prácticas espaciales realizadas por la Asociación Indígena Borari de Alter do Chão (estado de Pará, Brasil): Acciones sociales y culturales**

### **Resumen**

El artículo analizó las características de las prácticas espaciales realizadas por la Asociación Indígena Borari de Alter do Chão. La investigación mostró que las prácticas espaciales realizadas por la asociación se centran en las acciones sociales y las acciones culturales. Tanto en las acciones sociales como en las culturales, las prácticas espaciales buscan el circuito económico alternativo y emplazamiento, a través de la identidad del pueblo Borari. La asociación crea e implementa proyectos orientados a las áreas económicas, sociales y culturales, buscando alianzas con entidades gubernamentales y privadas, con el fin de aclarar, capacitar, llevar conocimiento, generar ingresos adicionales y continuar la perpetuación de su cultura. Se constató que la asociación busca la territorialización a través de sus acciones sociales, luchando por la demarcación de su territorio, el reconocimiento ante la sociedad y los derechos ante el Estado brasileño. A través de la investigación se verificó que los Boraris notaron el poder del trabajo colectivo, de esta

forma, lograron alcanzar muchos objetivos. A partir del reconocimiento étnico y de la fundación de la asociación indígena Borari de Alter do Chão, los Boraris han tenido ganancias significativas de autonomía. Las prácticas espaciales con foco en las acciones culturales remiten, principalmente, a sus antepasados, como ejemplo, tenemos el Festival del Sairé, el Festival Borari, canciones con temática regional, creación de grupos de carimbó, entre otros. Por lo tanto, la asociación ha fortalecido el Movimiento indígena local.

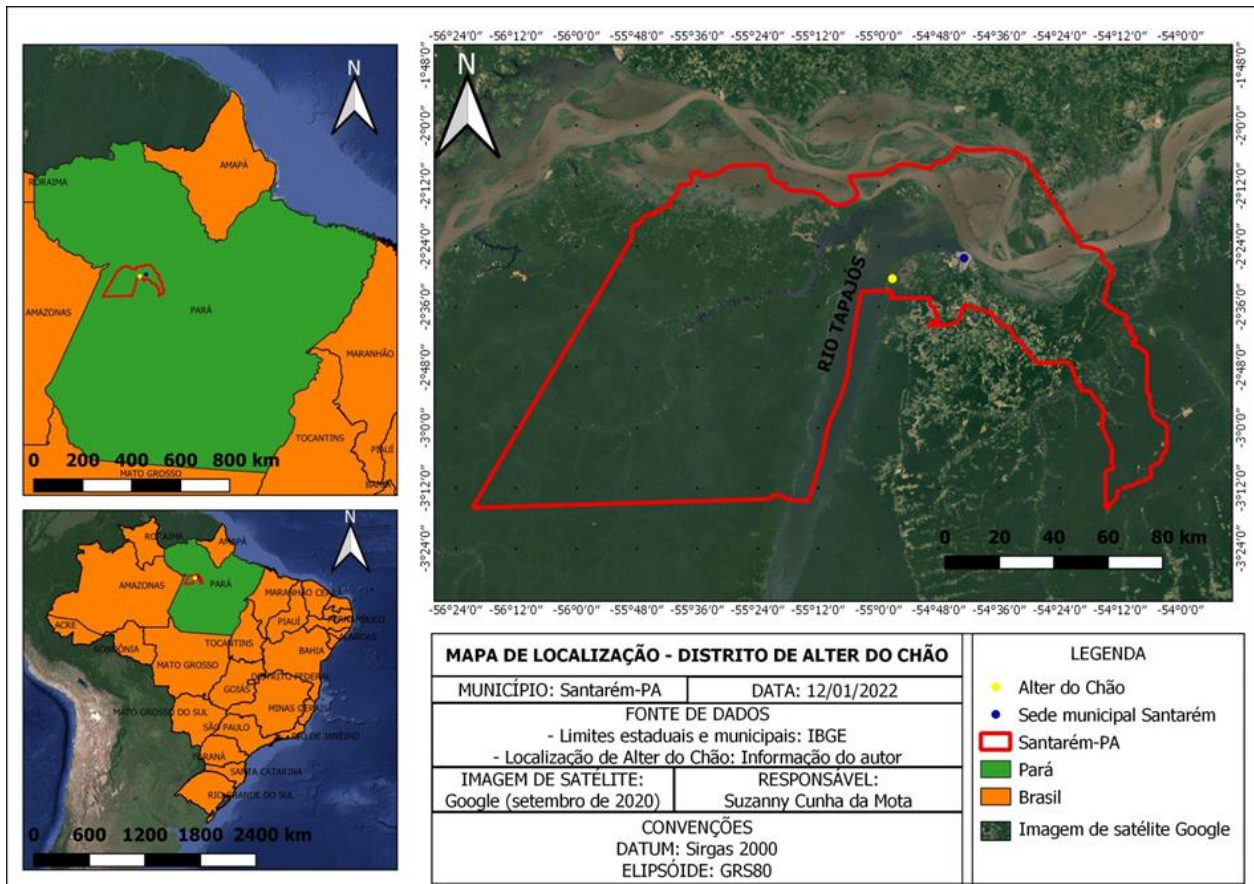
**Palabras clave:** Alter do Chão; Asociación Indígena Borari; Indios Borari; Prácticas espaciales; Acciones sociales y culturales.

## Introdução

O artigo aborda as características das práticas espaciais realizadas pela Associação Indígena Borari de Alter do Chão (AIBAC). A AIBAC está localizada em Alter do Chão, distrito do município de Santarém, região do oeste do Pará. O acesso ocorre pela rodovia PA 457 (Dr. Everaldo Martins). A distância entre a cidade de Santarém e o distrito de Alter do Chão é de aproximadamente 37 km (**Mapa 1**).

Alter do Chão está inserida em uma Área de Proteção Ambiental (APA), denominada APA Alter do Chão, criada pelo município de Santarém. O distrito está localizado no bioma da Amazônia. A área é cercada por áreas ambientalmente protegidas, como a Floresta Nacional do Tapajós (FLONA), Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns (RESEX) e uma série de Projetos de Assentamentos Agroextrativistas (PAE). Apesar de estar aparentemente protegida, a área é constantemente pressionada por diversas dinâmicas que conflitam com as práticas pré-existentes, devido à proximidade com a sede municipal de Santarém.

Mapa 1 – Mapa de localização de Alter do Chão.



Fonte: Elaboração própria, 2022.

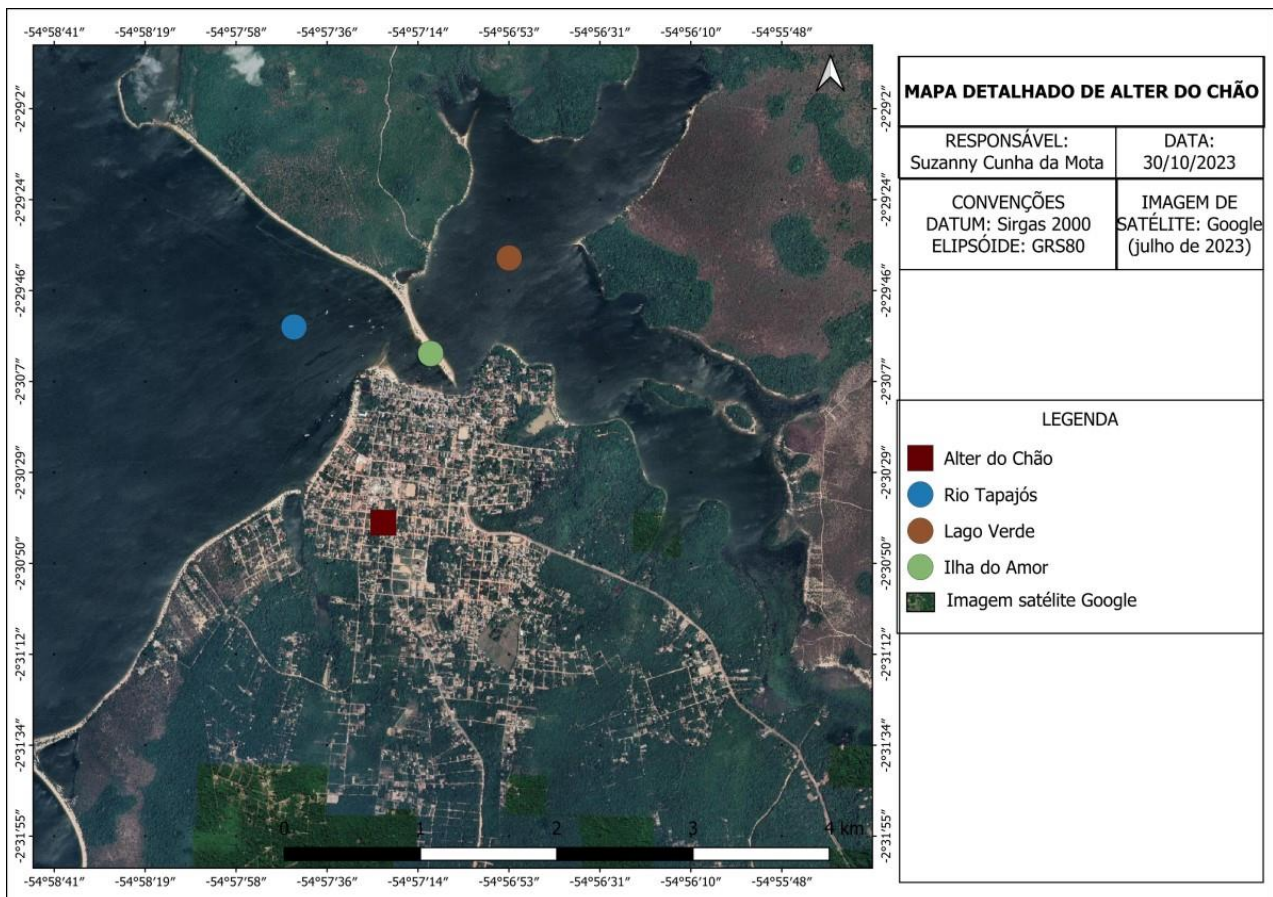
Alter do Chão é o principal destino turístico de Santarém, conhecida por suas praias de areia branca, onde se destaca a Ilha do Amor, que se localiza na margem direita do Rio Tapajós. A Ilha do Amor é banhada pelo Lago Verde, como é demonstrado no **Mapa 2**.

De acordo Rodrigues e Pinho (2021), o território de Alter do Chão é área indígena. Nesta região vivem os indígenas Borari. Os Boraris são um povo indígena que vivem às margens do Rio Tapajós, no Oeste do Pará. A palavra Borari significa “flecha envenenada”. Conta-se que, quando os Borari guerreavam, eles extraíam o *curare* (veneno) das costas de uma rã e o colocavam na ponta de suas flechas para matar o seu inimigo.

Os indígenas Borari, que desde seu princípio têm no comando mulheres, possuem uma organização coletiva de grande união e vivência. Como todos os povos indígenas do Brasil, eles lutam pelo direito a demarcação de suas terras, educação diferenciada, saúde,

previdência social e outros direitos. Esses direitos estão presente na legislação desde a Constituição de 1988 e deveriam ser cumpridos pelo Estado brasileiro. Neste contexto, surge o movimento de luta dos indígenas em Alter do Chão, que construíram a AIBAC para fortalecimento da busca pelos seus direitos e aspirações.

**Mapa 2 – Mapa detalhado de Alter do Chão.**



Fonte: Elaboração própria, 2022.

As associações têm potencial para aumentar a visibilidade e a força do coletivo na busca de seus objetivos. De acordo com Almeida *et al.* (2012), as associações formam a base dos principais conceitos que sustentam perspectivas alternativas ou renovadoras da democracia, seja por desempenharem funções de cooperação com os governos, por ampliarem espaços de representação política e contestarem padrões culturais e institucionais.



A organização dos povos indígenas por meio da criação de associações busca fortalecer a luta por territorialização através de suas ações. Segundo Souza (2013), conceitualmente, uma territorialização é um processo que envolve o exercício de relações de poder e a projeção dessas relações no espaço.

Para os indígenas Borari, Alter do Chão é um lugar importante para sua identidade, sua cultura e onde acontecem suas experiências, memórias e relações. Para Souza (2013), “lugarizar” significa atribuir sentido, na base de algum tipo de vivência, que não precisa ser direta, forte ou cotidiana; “lugar”, “lugaridade”, “lugarização”, portanto, são fenômenos muito mais gerais do que fazem supor certas interpretações.

A metodologia usada para realização da pesquisa foi a abordagem qualitativa. Os dados primários foram produzidos junto aos sujeitos da pesquisa, através de trabalhos de campo realizados nos anos de 2021 e 2022. No primeiro contato com a presidente da AIBAC, a mesma autorizou acompanhar as ações da associação. Coletaram-se imagens fotografadas durante as atividades, tendo sido, naquele momento, realizada uma pesquisa de campo exploratória.

As entrevistas tiveram o formato de recolhimento de história oral por meio de entrevistas semiestruturadas. Todas as entrevistas foram gravadas e realizadas a partir da autorização de cada entrevistado. Entrevistou-se o presidente da AIBAC e a liderança do povo indígena Borari, a Cacique. Foram utilizados levantamentos de dados secundários através das referências bibliográficas: livros, artigos, revistas etc. Além das referências bibliográficas, utilizaram-se documentos fornecidos pela AIBAC.

As práticas espaciais são todas as ações praticadas pela sociedade no seu espaço, mediadas por este e tendo ele como referência (Souza, 2013). A AIBAC realiza práticas espaciais com foco na ação social. Além disso, a AIBAC também realiza práticas espaciais com foco em ações culturais, que remetem, principalmente, a seus antepassados, e visam o fortalecimento da identidade cultural.

## 1. As práticas espaciais da AIBAC: As ações sociais

Práticas espaciais são práticas sociais em que a espacialidade (a organização espacial, a territorialidade, a “lugaridade”) é um componente nítido e destacado da forma de organização, do meio de expressão e/ou dos objetivos a serem alcançados. Toda prática espacial, assim como, mais amplamente, toda prática social, é uma ação (ou um conjunto estruturado de ações) inscrita nos marcos de relações sociais (Souza, 2013).

Segundo Souza (2013), a ação social é:

Independentemente dos conteúdos das ações e relações (conflito, acordo etc.), é que os participantes confirmam um sentido ou significado as suas ações, no contexto de relações entre indivíduos no interior de uma sociedade ou de um grupo social determinado, ainda que esse sentido possa variar e frequentemente varie de indivíduo para indivíduo. A ação social sempre é voltada, de acordo com Weber, para outros indivíduos, seja direta ou indiretamente, quanto as relações sociais, constituem elas uma trama formada pelas ações (sociais) dos múltiplos agentes; são, por assim dizer o resultado compartilhado das ações individuais. Na ação do tipo que Weber entende como sendo propriamente social, a conduta do agente é necessariamente orientada pela conduta de outro ou de outros agentes, na base da atribuição de um sentido à ação (Souza, 2013, p.244).

137

Segundo Corrêa (2003), as práticas espaciais são ações que contribuem para garantir os diversos projetos, sendo os meios efetivos através dos quais objetiva-se a gestão do território, isto é, a administração e o controle da organização espacial em sua existência e reprodução.

A AIBAC é uma associação que, em 2020, tinha 243 indígenas associados, totalizando 80 famílias. Ela foi fundada para que os indígenas Borari saíssem do anonimato e assegurassem os seus direitos junto ao Estado brasileiro, por exemplo, direito a educação, saúde, previdência social. A associação também cria e implanta projetos culturais, sociais e econômicos em parceria com poder público e entidades privadas.

De acordo com Almeida *et al.* (2012), as associações são valorizadas por desempenhar um papel central na participação em estruturas estatais que foram desenhadas

tendo em vista a incorporação da população em processos de discussão e de definição de políticas públicas e governamentais. No mesmo sentido, observou-se que a coletividade na forma de associação trouxe maior organização para os indígenas Boraris, bem como melhorias na prestação de serviços estatais, como pode ser observado na saúde e educação.

Na educação, a AIBAC busca a implementação do ensino médio em Alter do Chão. Os esforços da AIBAC junto com a comunidade indígena resultaram na implantação da creche e do ensino fundamental 1 e 2. A associação proporciona formação complementar, visto que com o passar dos tempos se tornou necessário realizar capacitações, promover curso para aperfeiçoamento e aprendizado da comunidade, em função dos avanços tecnológicos que acontecem de forma acelerada. Na saúde, os indígenas são assistidos pela FUNAI e pelo Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI).

A AIBAC tem um corpo jurídico que presta serviços aos associados. Com auxílio desses profissionais, os indígenas Borari conseguiram junto ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) a aposentadoria e a licença maternidade para os indígenas Borari.

O levantamento das informações foi realizado no período da pandemia do Covid-19, e observou-se a importância da organização na forma de associação para auxiliar os indígenas Borari neste momento de extrema dificuldade. Através do SIASI, auxiliado pela AIBAC, foi realizado cadastramento dos indígenas Borari de Alter do Chão, para que ocorresse a vacinação contra Covid-19, fato que agilizou a vacinação dos associados.

Durante a pandemia, a associação realizou um projeto direcionado para as mulheres indígenas Borari. A AIBAC criou o projeto “As Sapú Borari<sup>1</sup> são Kunhã Kirimbáwa<sup>2</sup> na busca pela saúde de seu povo”, que foi apoiada pelo Fundo Casa Socioambiental.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Sapú Borari significa raiz Borari.

<sup>2</sup> Kunhã Palavra em Nheengatu que significa mulher e Kirimbáwa significa valente.

<sup>3</sup> Fundo Casa Socioambiental é uma organização que busca promover a conservação e a sustentabilidade ambiental, a democracia, o respeito aos direitos socioambientais e a justiça social por meio do apoio financeiro e fortalecimento de capacidades de iniciativas da sociedade civil na América do Sul.



O projeto teve como objetivo capacitar agentes comunitários para trabalhar durante a pandemia. O projeto contou com agentes voluntários indígenas devidamente treinados para atuarem, junto com a comunidade indígena Borari de Alter do Chão, na prevenção do contágio pelo Covid-19. Os agentes voluntários indígenas se organizaram para efetuar as visitas às famílias da comunidade. As visitas presenciais foram realizadas cumprindo todas as normas sanitárias. Nas visitas foram obtidos dados e informações que caracterizaram as necessidades de cada família, que foram repassadas para o SIASI.

Devido ao *lockdown* decretado em Santarém na época da pandemia, Alter do Chão ficou fechada para visita de turistas, como a grande maioria das famílias indígenas Borari não possuem renda fixa e dependem da renda do turismo, o rendimento das famílias caiu drasticamente. Neste contexto, com apoio da FUNAI e do projeto “As Sapú Borari são Kunhã Kirimbáwa na busca pela saúde de seu povo”, a associação passou a receber cestas básicas para serem distribuídas para todos os indígenas Borari. Além de fornecer cestas básicas, o projeto contratou costureiras indígenas para que fossem confeccionadas máscaras de proteção que foram distribuídas para as famílias assistidas pelo projeto, movimentando a economia local.

A representatividade do associativismo dos indígenas Borari, por meio da AIBAC, trouxe parcerias com a prefeitura a Prefeitura Municipal de Santarém. O poder público municipal repassa ajuda de custo para alguns membros que fazem parte da diretoria da associação. Eles trabalham na limpeza e conservação do espaço da AIBAC nos dias de terça e quinta. Nesses dias da semana, também acontece o *puxirum*<sup>4</sup> e as reuniões semanais com os associados no espaço Centro Cultural Oca do Saber Borari (**Fotografia 1**).

---

<sup>4</sup> Puxirum é um termo local usado para tratar de atividades realizadas coletivamente.

**Fotografia 1** – Espaço Centro Cultural Oca do Saber Borari.

Fonte: Autora (2021).

Como passava-se pela pandemia de Covid-19, as reuniões ocorreram em horários diferentes para evitar a aglomeração, seguindo todos os protocolos da vigilância sanitária. Nas reuniões foram discutidos temas estratégicos, planejamentos, organização da associação, mobilização para as atividades na aldeia visando a proteção de seu território, dentre outros temas.

As atividades realizadas pelos indígenas Borari junto a AIBAC são ações sociais que criam conhecimentos e boas experiências em suas vidas. Essas práticas espaciais são exemplos de lugarização, pois produziram novas relações e criaram um outro significado na vivência do coletivo indígena Borari de Alter do Chão. Todas essas práticas só foram possíveis através da criação da associação.

A AIBAC busca a territorialização dos indígenas Borari, lutando pela demarcação do seu território e do reconhecimento étnico por meio da homologação da terra indígena junto ao Estado brasileiro. A AIBAC influencia positivamente e diretamente no processo de demarcação de seu território. A realização dessas práticas espaciais sociais contribui com o desenvolvimento do processo de territorialização. Manter a coletividade desse povo é importante, pois existem outros grupos que lutam por sua territorialização em Alter do Chão.

Os indígenas Borari, por meio da AIBAC, obtiveram ganhos de autonomia e, consequentemente, houve resistência no território em relação a especulação imobiliária, grilagem das terras indígenas e retirada de madeira. Sua fundação foi essencial para o reconhecimento e fortalecimento da identidade étnica e das demandas dos indígenas Borari de Alter do Chão.

## 2. As práticas espaciais da AIBAC: As ações culturais

Os povos originários do Brasil e do mundo vivem em um cenário de violação de seus direitos, entre invasão de seus territórios, negação de suas identidades e ausência de políticas diferenciadas do Estado. Por esse motivo, os indígenas utilizam as expressões culturais com a finalidade de ação política e, ao mesmo tempo, de proteger a memória, valorizando os saberes seculares que carregam em suas histórias e fortalecendo suas ancestralidades (Rodrigues; Pinho, 2019).

A Constituição Federal de 1988 pode ser entendida como um marco na mudança do regime jurídicos voltados para as populações indígenas do Brasil. O texto da constituição que trata sobre os “índios” é resultado de intensas mobilizações do movimento indígena ao longo de todo seu processo de elaboração. A Constituição trouxe elementos que buscam romper com o caráter marcadamente integracionista e assimilacionista das constituições anteriores, contemplando aspectos que viriam a ser balizadores para a criação

de todo um arcabouço jurídico voltado ao atendimento das demandas indígenas no que tange, principalmente, a proteção de sua diversidade linguística e cultural (Maduro, 2018).

As práticas espaciais culturais dos povos indígenas Borari remetem a seus antepassados. Segundo Dias (2019), na trilha seguida pelos Borari, que não é linear e nem poderia ser, contam com registros de missionários, naturalistas, historiadores, antropólogos e outros que se debruçaram para registrar e descrever modos, costumes, trabalhos e vida desses povos que em cada etapa de sua formação receberam um tipo de olhar e tratamento nas tintas e nas narrativas de seus observadores. Por isso, é necessário pensar em uma narrativa que procure desvelar as persistências e os fluxos desses povos e sua relação de pertencimento com o lugar, evitando-se os preconceitos e as determinações históricas, geográficas e sociopolíticas

Com um olhar nessa direção, a dinâmica em Alter do Chão pode ser compreendida como um agitado quadro iniciado pelo trabalho dos jesuítas a partir dos aldeamentos, pela instituição do Diretório dos Índios,<sup>5</sup> pelo movimento da Cabanagem, e pelo movimento indígena que está em curso no sentido de fortalecer a identidade cultural dos Borari (Dias, 2019).

Durante anos, o povo Borari vem contribuindo de forma significativa com o crescimento e a valorização da cultura local, através de iniciativas como o Festival do Sairé<sup>6</sup>, o Festival Borari, participação em feiras culturais, criações musicais com temas regionais, criação do grupo de dança como Cheiro do Sairé, dentre outras (Rodrigues; Pinho, 2021).

Outro elemento de grande importância, que surge como um dos principais símbolos de resistência, chama-se carimbó<sup>7</sup>. Além de gênero musical, é um movimento político de luta do povo Borari que reúne reverência aos mestres e mestras da arte popular, a

---

<sup>5</sup> De acordo com Dantas (2014) o Diretório de Índios de 1757, direcionado inicialmente para o estado do Grão-Pará e Maranhão. O diretório tinha a função de administrar o território da aldeia, os bens e a própria mão de obra indígena, já que os índios eram considerados incapazes de autogovernar-se.

<sup>6</sup> A palavra Sairé tem origem tupi e significa dança indígena.

<sup>7</sup> A palavra "carimbó" é resultado da junção dos elementos "curi" que significa pau, e mbó significa furado que é um instrumento que produz som.

força no batuque do curimbó<sup>8</sup> e a tradição no bailado daqueles e daquelas que manifestam a ancestralidade dos povos da Amazônia (Rodrigues; Pinho, 2021).

Segundo Maduro (2018), o Festival do Sairé é uma manifestação cultural de cunho profano e religioso de Alter do Chão que remonta ao século XVII. De origem indígena, foi ao longo dos tempos assimilando elementos da cultura europeia, sobretudo, elementos do catolicismo, sob a influência dos padres Jesuítas que circularam pela Amazônia no período colonial, que passaram a categorizar a festa do Sairé como festa de Santo. A festa foi proibida de ser realizada na década de 1940, permanecendo renegada por trinta anos, retornando na década de 1970, não mais com a conotação de festa de Santo, mas como festival folclórico. O Sairé era realizado durante a segunda semana de julho de cada ano. Desde 1997 o Sairé passou para setembro, porque entre agosto e dezembro é o período menos chuvoso, ou seja, a época da seca, onde as águas do rio baixam e as praias surgem.

De acordo com Maduro (2018), o símbolo do Sairé é um semicírculo de cipó, coberto por algodão e fitas coloridas, trazendo em seu interior três cruces que representam, dentro da tradição católica apostólica romana, a Santíssima Trindade, e em sua extremidade uma cruz que representa, dentro da mesma tradição, a figura de Deus (**Fotografia 2**).

A importância socioeconômica da festa tem fundamental relevância, pois aliada ao interesse em conhecer a paisagem natural da região amazônica, constitui-se em atrativo turístico que se reverte em fonte de renda para os Boraris. Ferreira (2008) cita que durante a realização deste evento, circulam pelo distrito de Alter do Chão cerca de 100 mil pessoas.

---

<sup>8</sup> Curimbó é um instrumento musical, um tambor feito com tronco e tocado com as mãos.



**Fotografia 2** – Festa do Sairé, procissão religiosa, a Saraipora<sup>9</sup> conduz o Arco do Sairé símbolo maior da manifestação folclórica que une o profano e o religioso.



144

Fonte: Falando de viagem (2019).

Nos últimos anos, a manifestação cultural é organizada entre o momento religioso e a festa comercial, com destaque para o Festival dos Botos Tucuxi e Cor-de-Rosa (Rodrigues; Pinho, 2021). O aspecto comercial do Festival dos Botos contribuiu para estimular e consolidar Alter do Chão como importante destino turístico (**Fotografias 3 e 4**). Esse fato contribui para a melhoria da renda dos Boraris e visibilidade da cultura deles.

A AIBAC apoia o Festival do Sairé por entender que o evento tem sua origem nos indígenas Borari, apesar da influência que o festival sofreu da colonização portuguesa. Além disso, os integrantes da organização e os participantes do festival têm em sua maioria indígenas Borari de Alter do Chão e regiões próximas.

---

<sup>9</sup> Saraipora é a mulher que conduz o símbolo do Sairé durante as procissões pelas principais ruas da vila de Alter do Chão.

**Fotografia 3** – Festival dos Botos em Alter do Chão.



Fonte: Tv Brasil (2019).

**Fotografia 4** – Festival dos Botos em Alter do Chão.



Fonte: Tv Liberal (2022).



Um exemplo do apoio foi observado durante o período da pandemia do Covid 19, em 2020 e 2021, a sede da AIBAC foi cedida para servir de suporte durante a realização do Festival do Sairé. Outro exemplo é a corte do Sairé, composta pelo Juiz, a Juíza, os Mor-domos, os Alferes, a *Saraipora* e o Capitão, que têm em sua maioria os indígenas Borari que fazem parte da associação.

Em 1993, os grupos folclóricos de Alter do Chão, que se apresentavam no Sairé, estavam com poucos recursos financeiros para comprarem suas indumentárias. Esse fato impulsionou a ideia de um novo festival para angariar fundos. A Cacique sugeriu o nome: “I Festival Folclórico de Alter do Chão”. Em contrapartida o Cacique que conhecia o significado da palavra Borari, sugeriu “Festival Borari”. A Cacique aprovou a segunda ideia. Posteriormente, reuniram por várias vezes com os representantes dos grupos folclóricos e associações, para planejamento do festival. Em 1994 ocorreu o I Festival Borari (**Fotografia 5**), trazendo o resgate da história, a preservação dos costumes e tradições do povo indígena Borari de Alter do Chão.

**Fotografia 5** – I Festival Borari.



Fonte: Portal O Estado Net (1994).

O evento foi realizado no mês de setembro, já que nesta data não havia nenhum evento de grandes proporções no município (Ferreira, 2008). Neste contexto, nascia o I Festival Borari.

Nos anos posteriores, o Festival Borari deixou de ser coordenado pelo Cacique, ficando apenas sob responsabilidade da Cacique. Em 1997, com a mudança da data do Sairé, o festival passou a ser realizado no mês de julho (Ferreira, 2008).

O Festival Borari permite uma amostra da cultura dos indígenas Borari. As apresentações artísticas ocorrem durante três dias, em espaço aberto ao público. Durante o festival são apresentados os rituais dos indígenas Borari; a procissão do Sairé; apresentação de grupos de dança regionais que são convidados; competições esportivas na praia, ruas e praças da vila; comercialização de alimentos e iguarias; exposição de artesanato e shows noturnos com atrações locais. A realização do Festival Borari é de suma importância econômica, pois atrai turistas para o distrito de Alter do Chão, gerando emprego e renda para a comunidade indígena, movimentando o comércio de artesanatos, trazendo renda extra para os indígenas Borari.

Como forma de fortalecer o Festival Borari, a AIBAC criou o projeto indígena Borari de Alter do Chão, em julho de 2017, objetivando a reestruturação do evento. Foi proposto o retorno de atividades esportivas indígenas, atrações diurnas e exposição dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos artesãos indígenas. Neste contexto, a AIBAC passou a organizar o Festival Borari. O conjunto de indígenas da associados na AIBAC entende que o fortalecimento do Festival Borari é importante para que a cultura dos indígenas Borari seja repassada de geração para geração e para que os Borari tivessem uma fonte de renda extra.

O festival Borari tem início com ritual do fogo e da água, sendo apresentados em forma de procissão sobre as águas do Lago Verde com tochas acesas, conduzidas pelos

catraieiros<sup>10</sup>. Na abertura do evento é realizado o ritual do batismo (*musseruka*) e da fartura, em forma de agradecimento das riquezas naturais dos rios e da floresta amazônica.

Em seguida, a procissão segue com destino ao *puracê*<sup>11</sup>. Na recepção da procissão, se apresenta um grupo de dança dos indígenas, caracterizados com vestimentas tradicionais. Em suas mãos carregam objetos artesanais e alimentos que simbolizam a fartura, dando início à mais um momento do ritual de abertura, destacando o ritual do *musseruka* e do *tarubá*<sup>12</sup>.

No ritual do *tarubá* (**Fotografia 6**), as crianças fazem a dança dos inocentes, onde elas ficam com a cabeça coberta por paneiros<sup>13</sup> que simboliza a inocência. As crianças são proibidas de ingerir o *tarubá*.

**Fotografia 6** – Ritual do Tarubá.



Fonte: Ludinéa Lobato Gonçalves Dias (1994).

<sup>10</sup> Os catraieiros são remadores de embarcação do tipo catraia. A catraia é uma pequena embarcação que transporta até cinco pessoas.

<sup>11</sup> Puracê significa quintal na linguagem indígena Nheengatu.

<sup>12</sup> Tarubá bebida alcoólica fermentada feita de mandioca.

<sup>13</sup> Paneiros são cestos feitos de cipó.

Por fim, comidas e bebidas que simbolizam a fartura, são partilhadas com os participantes do festival, sendo eles indígenas, comunitários e visitantes (**Fotografia 7**). Após a abertura, acontece as apresentações dos grupos de carimbó de Alter do Chão e região. Neste mesmo momento, acontece vendas de iguarias típicas da região pelas famílias indígenas.

**Fotografia 7** – Ritual da Fartura.



Fonte: Ludinéa Lobato Gonçalves Dias (1994).

As ações culturais dos Boraris de Alter do Chão não são restritas aos festivais. De acordo com Rodrigues e Pinho (2021), em Alter do Chão existem diversas formas de manifestações que buscam resgatar e manter viva a cultura indígena Borari. Tem-se o grafismo em cuias, manuseio da argila para a confecção das cerâmicas tapajônicas, pinturas corporais com jenipapo e confecção de colares e brincos com miçangas e sementes.

Por meio da AIBAC, os associados conseguiram, em 2010, recursos financeiros através de projeto Artesanato Borari que contou com o apoio da Caixa Econômica Federal.



Esse projeto teve como finalidade qualificar os artesões, os grafiteiros e a arte mosaica para habilitar os indígenas Borari a atuarem no comércio de peças de artesanato e decoração em Alter do Chão, garantindo renda extra para a comunidade (**Mosaico de Fotos 1**).

**Mosaico de fotos 1** – Artesanato indígena Borari: *cuia*<sup>14</sup> com grafismo Borari feita a mão e colar de miçangas confeccionado durante a realização do Projeto Artesanato.



Fonte: Jabuti Borari (2019).

Em setembro de 2019, com a organização da AIBAC, aconteceu na Oca do Saber Borari a oficina de Artesanato Borari, ministrada por Damilles Borari. Foram mais de 16 indígenas do Núcleo *Sapú Borari*, de todas as idades, participando da troca de saberes tradicionais (**Fotografia 8**). A oficina tinha como objetivo ensinar a confecção de adornos de sementes e miçangas para utilização como brincos e pulseiras.

<sup>14</sup> Cuiá: fruta retirada da cueira que serve como utensílio doméstico, muito utilizado também como artesanato.

**Fotografia 8 – Imagem da Oficina de Miçanga.**

Fonte: AIBAC (2019).

A capacitação é importante, pois garante aprendizado sobre o artesanato indígena Borari e gera o aumento de renda para as indígenas Borari. Além da contribuição no aumento da renda, o curso contribuiu para que as mulheres do Núcleo *Sapú* Borari tenham maior inspiração para manter a cultura dos indígenas Borari.

Em 5 setembro de 2020, seguindo todos os protocolos de segurança devido a pandemia de Covid-19, a fim de angariar recursos para a reforma da sede da associação e para homenagear as mulheres indígenas no seu dia, a AIBAC realizou um evento transmitido virtualmente intitulada “Conversa no *Puracê*”, que visou a troca de experiência, vivências e atividades feitas pelas Borari.



Durante o evento, ocorreu a roda de conversa com as mulheres indígenas Borari e com as lideranças indígenas do Baixo Tapajós, onde elas tiveram oportunidade de falar sobre suas vidas, lutas, seus costumes, suas conquistas. Houve também a apresentação da carimboleira<sup>15</sup> do Festival do Sairé, que realizou sua apresentação de carimbó (**Fotografia 9**).

**Fotografia 9** – Dança de carimbó durante o Festival do Sairé, apresentação do Festival dos Botos.



Fonte: Diego Gomes (2019).

O núcleo de dança da AIBAC, denominado grupo cultural Carimbó da Beira de Rio, realizou no dia 06 de janeiro de 2022, a oficina “Cheiro do Sairé: resgate da tradição, arte e dança Borari”. Esse evento ocorreu na Oca do Saber Borari. Essa oficina teve como tema a homenagem as lutas, ativismos e resistência cultural do grupo Cheiro do Sairé, essa foi uma das mais importantes danças que compunha o cenário folclórico do Festival do Sairé.

---

<sup>15</sup> Carimboleira significa mulher que dança o carimbó.



Na oficina ocorreram atividades teóricas e práticas sobre danças tradicionais, como Cheiro do Sairé, *Marambiré*<sup>16</sup> e *Lundu*<sup>17</sup>. O público-alvo foram os jovens da comunidade indígena Borari de Alter do Chão. O intuito foi trazer esses jovens para dentro do universo cultural tradicional de seu povo, como pensava a idealizadora do grupo Cheiro do Sairé, quando criou o grupo em 1987.

O Cheiro do Sairé é uma dança com banho de cheiro (**Fotografia 10**), um misto de ervas e essências naturais, banhados em água pura de igarapé, com o objetivo de trazer bons fluidos, boas energias e amor.

**Fotografia 10** – Grupo Folclórico Cheiro do Sairé.



Fonte: Ludinéa Lobato Gonçalves Dias (1990).

A dança foi inserida no ano de 1988 na Festa do Sairé de Alter do Chão e foi inspirada em um grupo de mulheres que acompanhava a procissão do Sairé. Essas mulheres eram presenteadas com um banho de cheiro.

<sup>16</sup> Marambiré é uma dança que evoluiu dos cantos de manifestações de caráter religioso em Alter do Chão, que possui matriz de inspiração africana no estado do Pará.

<sup>17</sup> Lundú é uma dança de origem africana que foi introduzida no Brasil.

O grupo Carimbó Beira de Rio, desde a sua criação tem por objetivo resgatar a cultura tradicional do povo Borari, incentivar os jovens Boraris a aprenderem mais sobre sua própria cultura e lutar pela resistência de sua cultura através da dança. O grupo anseia a manutenção de suas tradições, busca apoio em leis de incentivo à cultura para que possa alcançar seus objetivos.

A realização dos festivais, das oficinas e outras ações culturais desenvolvidas pelos indígenas Borari, fomentadas pela AIBAC, se inserem como uma prática espacial cultural, objetivando dar continuidade da vivência de seus ancestrais, criando novas memórias e emoções na juventude indígena e dando significado ao seu lugar e, conseqüentemente, fazendo uma ação de lugarização.

Os festivais da cultura Borari também são voltados para momentos religiosos, observando a formalidade simbólica e de significado, onde se nota a lugaridade por meio da prática espacial cultural. De acordo com Santos (2017), o homem torna o espaço lugar na medida em que experiência o espaço dando-lhe sentido a partir das formas simbólicas. Silva; Gil Filho (2009) comentam que, o espaço passa de uma base material da sua existência para um espaço carregado de sentido, no caso da religião, um espaço sagrado.

Sobre a construção de circuitos econômicos alternativos, assim diz Souza (2013):

Como expediente para geração de renda, mas também para financiar diversas atividades (culturais, políticas etc.), movimentos emancipatórios têm, várias vezes, investido ou tentado investir no desenvolvimento de alternativas mais ou menos profundas ao mercado capitalista e às relações de produção do capitalismo (emprego assalariado, hierarquias de rendimentos etc.), no que se refere a produção, à comercialização e ao consumo (Souza, 2013, p. 253).

As práticas sociais voltadas para a cultura são construções de circuito econômico alternativo realizada pelos indígenas Borari por meio da AIBAC. Esse circuito tem o intuito de geração de renda associado ao financiamento das atividades culturais, manutenção da cultura, fomento ao processo de lugarização. Também se nota tentativa de realização

de atividades produtivas com maior sustentabilidade em relação aos meios de produção vigentes.

## Considerações Finais

Através das informações levantadas, constatou-se que os Borari observaram o poder da sua coletividade e juntos conseguiram alcançar muitos objetivos. A partir do reconhecimento étnico, que teve grande participação da AIBAC, os Borari tiveram ganhos expressivos de autonomia, gerando oportunidades para os indígenas, satisfazendo suas necessidades e fazendo exercer seus direitos.

A pesquisa mostrou que as práticas espaciais realizadas pela AIBAC têm foco nas ações sociais e ações culturais. Tanto nos projetos sociais quanto nos culturais, as práticas espaciais visam o circuito econômico alternativo e a lugarização, reforçando vivências que resgatam a identidade do povo Borari e que almejam possibilidades para um futuro justo e inclusivo.

A AIBAC cria e implanta projetos voltados para área econômica, social e cultural, buscando parcerias com entidades governamentais e privadas com a finalidade de esclarecer, capacitar, levar conhecimento, gerar renda econômica extra e para perpetuação da sua cultura para os mais jovens. A maioria dos projetos da AIBAC é voltada para o Núcleo das Mulheres Indígenas *Sapú Borari*. Projetos de artesanato para ensinar e qualificar a partir de cursos com sementes e miçanga, grafites em cuias, arte mosaica, bombons artesanias dentre outros, visando à construção de um circuito alternativo econômico.

Constatou-se que a associação busca a territorialização através de suas práticas espaciais sociais, lutando pela demarcação de seu território, pelo reconhecimento perante a sociedade e na busca pelos seus direitos junto ao Estado brasileiro. Ela busca a lugarização, realizando práticas espaciais com ações sociais que proporcionam o reforço

de identidade, por exemplo, ao contribuir para trazer para Alter do Chão a educação indígena para creche, Ensino Fundamental 1 e 2 e tratamentos de saúde diferenciados e adequadas às suas especificidades culturais por meio da FUNAI.

Ao observar as práticas espaciais das ações culturais, estas remetem principalmente a seus antepassados. Observa-se esse fato no Festival do Sairé, o Festival Borari, músicas com tema regional, criação de grupos de carimbó, entre outros. Nesses momentos são lembrados os rituais, as danças, as bebidas e comidas típicas do povo Borari. Os festivais da cultura Borari também são voltados para momentos religiosos e para o econômico. Neste caso, práticas espaciais que levam a lugarização, lugaridade e um circuito econômico alternativo.

## Agradecimentos

156

Agradeço ao orientador da minha graduação em Licenciatura em Geografia da UFOPA, Prof. Dr. Rafael Zílio Fernandes, e ao diretor da Associação Indígena Borari de Alter do Chão – AIBAC, Sr. João Pedro Gonçalves Dias. Agradeço, também, à Cacique dos indígenas Borari de Alter do Chão, Sra. Ludineia Lobato.

## Referências

- ALMEIDA, Carla; LUCHMANN, Lígia; RIBEIRO, Edinaldo. Associativismo e representação política feminina no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 8, pp.237-263, 2012.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003. p. 15-47.

DIAS, João Aluizio Piranha. **A festa do Çairé e a resistência indígena: uma experiência ancestral dos Borari em Alter do Chão, Santarém, Pará.** Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 2019.

FERREIRA, Edilberto. **O berço do Sairé.** Santarém: Editora Valer, 2008.

MADURO, Rossini Pereira. **O processo de afirmação da identidade étnica dos Borari de Alter do Chão – PA.** Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus. 2018.

RODRIGUES, Yuri Santana; PINHO, Taynara Gomes. **Turma da beira no território indígena de Alter do Chão.** Belém: UFPA, 2021.

SANTOS, Correa dos. **A lugaridade sagrada indígena Guarani Nãndewa do tekwa xi'inguy da região do morro do Anhangava em Quatro Barras-PR.** Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2017.

SILVA, Alex Sandro da; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião a partir das formas simbólicas em Ernst Cassirer: um estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, nº 9, pp. 73-91, 2009.

157

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

**Suzanny Cunha da Mota** é Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). **E-mail:** [suzannycunhamota@gmail.com](mailto:suzannycunhamota@gmail.com)

Artigo enviado em 29/06/2023 e aprovado em 22/11/2023.